



O Bem Coletivo nos Assentamentos do Programa Nacional de Crédito Fundiário: fruto e resignação

Samuel Pires Melo²

Resumo

O ponto de partida para pensar os assentamentos do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) foi a indagação sobre o processo de construção coletiva dos mesmos, por meio de suas associações. Por isso, nosso objetivo principal foi observar como, ao mesmo tempo em que o tipo ideal de associação proposta pelo PNCF apresenta momentos de dependência com relação às parcerias, estas se fazem em um processo que pode gerar autonomia e representação associativa nos projetos de assentamentos, para sua consolidação. Para isso, trabalhamos numa perspectiva do método quanti-qualitativo, tomando como técnicas de investigação a observação participante, entrevistas semi-estruturadas e questionários aberto/fechados. Assim, estruturamos os dois estudos de casos, pela perspectiva da autonomia/representação associativa, desde a decisão à execução do projeto. Nos casos estudados, as associações se consolidam pela busca por ações que possam criar condições para a qualidade de vida, mesmo que referenciando, de certa forma, as intervenções.

Palavras-Chaves: Política Pública. Reforma Agrária. Autonomia. Representação Associativa. Construção Coletiva.

Recebimento: 1/3/2009 • Aceite: 1/4/2009

¹ Sobre a discussão sobre *mal e bem coletivo* ver Orenstein (1998).

² Doutorando em Sociologia pela UFPE. E-mail: sampires@hotmail.com

The Wellness Collective Settlements in the Programa Nacional de Crédito Fundiário: fruit and resignation

Abstract

The starting point for thinking about the settlements of the Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) was the question on the process of collective construction of them, through their associations. Therefore, our main objective was to observe how, at the same time that the ideal type of association proposed by PNCF presents moments of dependence with respect to partnerships, they are in a process that can generate associational autonomy and representation in the projects of settlements, for its consolidation. For this, we work in terms of quantitative and qualitative method, taking as a technical research participant observation, semi-structured questionnaires and open / closed. Thus, structured the two case studies, by the prospect of autonomy / associative representation, since the decision to implement the project. In the cases studied, the associations are consolidated by the search for actions that may create conditions for quality of life, even referencing to some extent the interventions.

Keywords: Public Policy. Land Reform. Autonomy. Associative representation. Construction Collective.

Considerações iniciais

O ponto de partida para pensar os assentamentos do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) foi a indagação sobre o processo de construção coletiva dos mesmos, por meio de suas associações, já que ela seria o meio representativo dos assentados para um avançamento dos projetos. As diretrizes propõem que desde o processo de decisão à execução, todos esses momentos sejam dados em grupo. Ao lado das diretrizes, vimos uma proposta ideal da conjuntura apresentada pelo governo Lula, a partir de 2003, de consolidar as estratégias postas pelos grupos sociais. Por isso, propomo-nos estudar esse novo viés deste tipo de reforma agrária complementar ou de mercado, posto por alguns autores, para citar Medeiros (2002).

A política de reforma agrária foi posta no cenário pelo Estado, movimento sociais e outras entidades, como lembra Melo (2007). Entretanto, essa política não é efetiva, mas ocupa um espaço nada desprezivo em número de assentamentos e assentados no cenário brasileiro. Porém o destaque dado em vários estudos é para dispersão dos rumos tomados pela maioria destes assentamentos, tendo como um dos prognósticos a falta de coesão e consolidação das associações, já que estas seriam seus alavancadores.

Por isso, nosso objetivo principal é observar como, ao mesmo tempo em que o *tipo ideal*, na perspectiva weberiana, de associação proposta pelo PNCF apresenta momentos de dependência com relação às parcerias, estas se fazem em um processo que pode gerar autonomia e representação associativa nos projetos de assentamentos, para sua consolidação. Para isso, trabalhamos numa perspectiva do método qualitativo, pensando na perspectiva de Selltitz et. al. (1971), tomando como técnicas de investigação a observação participante, entrevistas semi-estruturadas e questionários aberto/fechados.

Assim, observamos como está proposta a forma de repartição dos direitos e dos compromissos entre os membros da associação; a autonomia para autorizar o pagamento da remuneração para assistência técnica nos serviços de capacitação com os recursos reservados aos Subprojetos de Investimentos Comunitários (SIC's); a autonomia para escolha da assistência técnica e o grau de liberdade dos próprios assentados na decisão interna sobre como o imóvel será explorado e a destinação de áreas para exploração individual e coletiva; a autonomia de modificação ou troca dos projetos indicados na proposta de financiamento.

Outro momento estudado como gerador de autonomia e representação associativa foi a observação feita sobre quem executa os

SIC's. Tal momento, segundo diretrizes do PNCF, deverá, sempre que possível, ser executado pelos próprios assentados, se em mutirão ou com base no trabalho familiar, podendo estar prevista a subsistência das famílias; outra situação são os recursos, que devem ser repassados diretamente à associação, que prestará contas à UTE da utilização dos recursos antes de receber a parcela subsequente.

Observamos também em que medida a Unidade Técnica do Estado (UTE), o movimento sindical dos(as) trabalhadores(as) rurais e da agricultura familiar, os órgãos públicos de desenvolvimento rural e entidades buscam, se possível de forma conjunta e coordenada, implementar recursos que possam trazer uma autonomia e representação associativa nos projetos de assentamentos pesquisados.

Com o objetivo de observar as “realidades dadas” a partir do *tipo ideal* criado como instrumento de parâmetro dentro das realidades e não como definidor delas, escolhemos como referência para análise empírica os dois estudos de casos: **Assentamento Mato do Meio e o Pedras**, no município de Esperantina-PI. A escolha do município se fez por ele está inserido entre os municípios em que foram instalados os primeiros assentamentos, nos possibilitando um estudo de projetos com mais tempo em execução; além de apresentar estes dois campos instigantes de estudo (uma aparente presença do gênero e da juventude), neles.

Estudo de caso I: Assentamento Mato do Meio

O assentamento Mato do Meio³ foi criado em 31 de março de 2006, tendo uma área total de 282,28 ha. Localizando-se no município de Esperantina. A população total do assentamento corresponde a 64 (sessenta e quatro pessoas) sendo 38 (trinta e oito) do sexo masculino e 26 (vinte e seis) do sexo feminino, estas estão distribuídas entre as 16 (dezesesseis) famílias participantes do projeto. Entretanto, a organização/formação do assentamento não se deu de forma simples. Observamos na pesquisa de campo a complexidade do processo social.

Então nas nossas conversas, primeiro que a gente procura orientar as pessoas, é a questão da união, isso jamais ela vai deixar ser buscada dentro do nosso assentamento e nem

³ O nome do Assentamento permaneceu o mesmo da “propriedade”, registrada em cartório. O motivo se deu, segundo os assentados, devido os mesmos já conhecerem aquela área por esse nome, de quando moravam de “morador do patrão” e daí já tinham toda uma história de vida que queriam preservar, observou-se assim o retorno às memórias construídas na região.

em momento algum que aconteça aqui, entre a família ou entre as pessoas que faz parte, a gente vai tá correndo pro CEPES, de maneira alguma. Até hoje não existiu, mas quando ela existir nós vamos resolver entre nós, né? Porque as pessoas do CEPES, do crédito fundiário, ela vem nos coloca uma coisa e aí elas voltam, nós vamos viver a nossa realidade, então acredito que qualquer problema que aconteça, e que a gente não espera que aconteça, nós vamos, nós queremos ter autonomia, não eu como presidente, não ela aqui que é considerada a pessoa de primeiro lugar de organização do assentamento, mas o próprio grupo, né? O próprio grupo tem que ter essa autonomia pra que não haja isso entre a família (Presidente da associação, 28a, Mato do Meio, 2008).

É justamente a definição pela convivência em grupo, por meio da busca de estratégias coletivas dentro do grupo para superar um *mal*, no caso melhoria nas condições de vida desses assentados, que estamos chamando de projeto do *bem coletivo*. É com este objetivo que o grupo propõe eliminar ou reduzir os custos sociais (dependência, uso político, assistencialismo, etc.), não se desfazendo de imediato dos programas governamentais, mas procurando alternativas, a partir destes, para melhorar suas condições de vida, em seguida, uma autonomia.

Autonomia/representação associativa pelas percepções da proposta de assentamento

Compreender que os fatos podem ser considerados momentos de autonomia não basta, faz-se necessário apreendermos como os assentados podem fazer deles mecanismos para construção de suas autonomias e representações, entendendo os mesmos como identidades dos assentados/grupos.

As diretrizes do PNCF indicam para que desde as primeiras idéias de formação do projeto de assentamento o assentado tenha autonomia para fazer escolhas e montar estratégias que julgar necessário para a execução do projeto. Entretanto, sabemos que dependendo da realidade, as próprias diretrizes propostas, podem

impor riscos à liberdade dos grupos, podendo ser manipulável e tornar-se objeto de favoritismos políticos, entre outros.

No caso do assentamento Mato do Meio, os mesmos disseram que partiu de seus interesses optar por tal tipo de reforma agrária, que o *mal coletivo*, da falta de um lugar para morar e trabalhar, fizeram com que eles fossem atrás do projeto. Eles procuraram informações de como funcionava o programa e se realmente poderia satisfazer suas necessidades. Embora saibamos das inúmeras dificuldades que tal tipo de política pública apresenta, os mesmos encontraram nela uma proposta para sair e superar um *mal*.

O grupo de referência teve como proposta primeira, ao reconhecer o *mal* que os infligia, conhecer a proposta de funcionamento desta política para investir em estratégias para que encontrasse nos parentes e vizinhos, o grupo necessário para superar o *mal coletivo*. Apesar de todos compartilharem da situação do não “acesso à terra”, foi necessário o empenho do grupo de referência em fazer com que os demais os imitasse. Durante o questionário aplicado aos mesmos, a maioria disse que foi por incentivo do “pessoal do seu Zé”, como eles enfatizaram, que estavam ali participando do assentamento. E que estavam sempre prontos a resolverem uma situação, caso precisassem deles.

Ela foi atrás de nós, e começou a dizer que nós ia ter como sair daquela situação, me falou muita coisa, que a gente ia trabalhar e que um dia a gente ia chegar até onde tava querendo e até que a gente lutou bastante, e nós estamos aqui, onde a gente pensou e vamos em frente, né? Com fé em Deus (Sócio da associação, 61a, Mato do Meio, 2008).

Observamos assim que, mesmo sendo um problema comum da comunidade, onde poderiam de imediato optar por participar daquele projeto, a identificação de uma superação, partiu de alguns. Os quais procuraram socializar posteriormente dentro do grupo proposto, utilizando como forma de persuasão, estratégias configuradas pelo contexto.

Tudo que a gente vai fazer dentro do nosso projeto a gente vai programar, na associação, antes nós sentamos aqui, a gente conversamos pra depois nós repassar pro resto do grupo, nós jamais vamo pensar numa coisa que vai prejudicar o resto do grupo, e que vai beneficiar somente a família como você pode

ver. A gente tem essa vontade, desejo, de realizar as coisas dentro da medida que venha melhorar a vida de cada um dos assentados (Presidente da associação, 28a, Mato do Meio, 2008).

Dessa forma, na relação entre o grupo de referência e os demais participantes do grupo, a idéia de criação do assentamento Mato do Meio foi tomando forma. Segundo respostas do questionário sobre suas participações na elaboração da proposta de criação do assentamento, todos que estavam presentes desde a idéia de criação, disseram que ajudaram a decidir como gostaria que fosse o assentamento. Ficando o CEPES encarregado de preencher, propriamente dito, o formulário de solicitação do projeto.

Poderíamos estar nos indagando sobre essas formas de participação, como não tendo um caráter totalmente autônomo. Mas por outro lado, estamos pensando em construção, em como esses assentados podem construir mecanismos, diante dessa perspectiva de ação vivenciada por eles, que levem a uma autonomia. Sendo as formas de autonomia, uma representação, que chamamos de associativa, posto que seja por meio dela onde se encontra o envoltório de conhecimento e trabalho do grupo assentado.

O envoltório associativo que podemos destacar durante esses momentos de elaboração/construção/acompanhamento da proposta de criação do assentamento, no grupo de assentados do Mato do Meio, podem também ser vistos no momento da compra do imóvel, bem como no acompanhamento da proposta.

A compra do imóvel para os assentados foi um momento de luta que envolveu tanto os sócios da associação como a assistência técnica. Pois, segundo eles, o interesse pelo imóvel escolhido em grupo, tendo primeiro o interesse do grupo de referência (pessoal do seu Zé), se deu por uma questão afetiva, porque eles já moravam ali, tendo então todo um enraizamento naquela área. Por isso, da luta deles diante do proprietário, posto que no primeiro momento o proprietário se mostrou interessado na transação, mas impondo um preço triplamente acima do mercado de terras, daí perpassou toda uma trajetória de persuasão para com o proprietário, que além de pedir um preço exorbitante, ainda não reconheceu que se tratava de uma transação na qual os compradores eram seus próprios moradores.

Porque assim, quando eles iam lá pra conversar com proprietário, aí ele dizia, que não era o preço que ele tinha pedido, não era.

E a gente sempre procurou assim, ter essa conversa de sempre colocar pra ele, que porque o preço que ele pedia foi diferente da que a visão da vistoria, que a terra tinha um lado que era muito pedregoso, eles tinham que explicar pra ele que tinha muita pedra, que pode ser utilizado, não dar pra agricultura em si, pode se dar pra criar algum tipo de animal como: cabra, que eles gostam assim, mas pra agricultura que é o forte deles, né? Ficava difícil, e aí assim, a nossa participação, ela foi, talvez até diga assim, que a gente colocava pra que não dava pra ser o preço que ele pediu por conta disso. E que assim, não era, porque as vezes o proprietário bota na cabeça que é o governo que ta dando, e até dizer pra ele, explicar que é a associação que ta comprando, né? E que eles vão ter que pagar posteriormente, então eles precisam comprar dentro do preço que eles tivessem condição de pagar, praqui no futuro eles não fossem prejudicados (Maria Luiza, CEPES, 2008).

Nesse sentido, os assentados criaram estratégias de negociação que envolveram a participação da assistência técnica, de fazer o proprietário reconhecer que não se tratava de uma simples negociação, mas de uma dívida para com os “moradores de patrões”, como disseram.

Outro momento dessa construção foi da busca de informações sobre o andamento da proposta, feito por meio dos CEPES, já que esta havia enviado a proposta de financiamento. Houve um empenho do grupo de referência, feito até mesmo pelas cobranças dos demais sócios, em está sempre “atrás de informações” e de estar sempre pronto para resolver as pendências burocráticas da associação para que a proposta fosse aprovada.

Eles sempre tiveram essa preocupação, até porque a gente manda e aí assim, não é uma coisa que você mandou hoje e amanhã sai o resultado [...] Mas aí passava o Antonio José que perguntava como era que tava, se a gente tinha alguma resposta. As vezes seu Zé Celestino com a Dona Mazé passavam também, assim sempre que vinham alguém

da comunidade a cidade, eles tinham a preocupação de passar aqui para saber em que pé andava a proposta. E aí assim o grupo ele [...] tem que ter essa cobrança, porque é como eu te disse, é uma demanda muito grande a nível de estado. Então se a gente não tiver cobrando lá, de quem é responsável por essa parte [...] eles vão fazendo ali e deixando as outras, a gente cobra muito, e aí assim é uma angustia até pra gente, porque a gente manda aí eles tem todo uma lista de itens que a gente tem que refazer ou procurar consertar e tudo. E aí as vezes, naquela, apesar da preocupação, as vezes falta alguma coisa e outra, falta isso. Teve alguém de lá, que foi avalista de uma pessoa pra o PRONAF B, que terminou não pagando, e aí pra que essa pessoa não ficasse prejudicado, eles se reuniram e aí conseguiram arrecadar o dinheiro pra ver se paga o débito, dando certo assim (Maria Luiza, CEPES, 2008).

Desse modo, vimos que o empenho do grupo não foi somente em buscar informações sobre sua proposta de financiamento, mas de resolver as pendências, inclusive de luta para conseguir angariar fundos no grupo para resolver o problema do débito de um dos sócios. Segundo um dos assentados: “isso foi feito porque agora nós somos um grupo, e se acontece com outra pessoa do grupo, tenho certeza que não iam deixar desamparado” (Sócio da associação, Mato do Meio, 2008).

Autonomia/representação associativa pela urdidura do assentamento

Então se você vai fazer um serviço pra você, mas que a pessoa ta construindo, é necessário esse acompanhamento, por isso que pra gente isso foi muito bom, isso, que a gente tinha o acompanhamento, dentro do trabalho com o construtor, a gente teve tudo, e a questão da gente ta junto, que é fundamental e necessário dentro do projeto, e você saber que você ta administrando uma coisa pra si, e não pra outra pessoa, é que leva esse compromisso mais forte da gente, né? É de você saber, que vai assinar um cheque, fazer um trabalho pra

uma pessoa que ta trabalhando pra você, você tem essa autonomia (Presidente da associação, 28a, Mato do Meio, 2008).

Para os assentados, a possibilidade de mostrar que eles são capazes significa muito, isso os estimula na busca para poder fazer mais e melhor. Além de reconhecer a condição em que estavam submetidos, eles lutam para conseguir superá-la. A idéia de que tinham “autonomia” para escolher quem poderia trabalhar com eles, de acompanhar de perto e expressar seus desejos de como preferiam que fosse feito, era considerado um “experimentalismo” dante realizado.

Pois é, essa importância de você executar um projeto, com toda a autonomia igual a que a gente teve, de você executar um projeto, com a plena autonomia que você vai dizer assim, ele como construtor, que poderia ser uma empresa, mas a gente optou por pessoas mesmo pra fazer. E aí a gente optou por pessoas e não por empresa. E aí a gente não teve dificuldade porque ele nunca fez uma coisa que a gente dissesse assim, não, não tem que ser assim, tem que fazer de outra forma, foi muito bom a gente trabalhar essa questão com ele, porque deu certo (Presidente da associação, 28a, Mato do Meio, 2008).

Desse modo, observamos que os assentados encontraram na forma de contratação de pedreiros a melhor maneira de construir as casas do assentamento, por entenderem que tornariam as relações mais pessoais, no sentido de proximidade para com o encarregado pela construção, daí teriam mais liberdade para expor seus desejos. Sendo, em outras palavras, as estratégias que encontraram diante de seus modos de vida e das opções, que segundo eles, estão conseguindo por meio dessa nova forma de associação.

Essa transparência que o governo deram, porque aqui nessa localidade não tinha associação antes disso, mas bem aqui próximo, no jacaré tinha uma associação, que moravam a madrinha, meu padrim, e meu pai com minha mãe, eles participavam lá. Então naquela época lá, as associações não tinham nenhum privilegio lá. A associação era apenas aqui no local lá, e a partir desses novos governantes aí, eles deram plenos

poderes pras associações, pra executar, então cada associação tem autonomia hoje pra executar o projeto com pleno conhecimento, porque você conhece o que é o projeto, então você só entra numa coisa que você ta sabendo o que que é, como fazer, e o que deve ser feito, né? (Presidente da associação, 28a, Mato do Meio, 2008).

Entretanto, mesmo reconhecendo uma nova forma de “experimentalismo” de construção das relações sociais, que em partes se deve às lutas dos movimentos sociais, parece prevalecer, de certa forma, a idéia do Estado como o benfeitor. Mesmo porque as próprias saídas postas por ele (Estado), da forma de descentralização das ações, por exemplo, pode ser vista como uma estratégia apresentada pelo quadro imposto pela “sociedade civil”.

Porém, não podemos deixar de registrar o reconhecimento, apresentado por eles, da importância do trabalho coletivo. Durante aplicação do questionário fizemos algumas perguntas sobre a associação, como por exemplo, o que ela significava para eles, considerando-a importante. Vejamos alguns pontos destacados por eles, no boxe 1:

Boxe 1: Representação dada pelos Assentados à Associação Mato do Meio: Qual a importância da associação para você?

- Para poder dar certo (Sócia da associação, 27a, Mato do Meio, 2008).
- Desenvolvimento do assentamento é feito por meio da associação, por meio de um grande projeto (Sócio da associação, 35a, Mato do Meio, 2008).
- A associação tem uma grande importância pra nós. Porque pra nós sem a associação nós não tinha conseguido o projeto, porque o projeto a gente só consegue com a associação, porque a associação já é uma associação. Já é pra associar as pessoas, as famílias. Ali como o Antonio Jose é o presidente, ele é quem vai lá em Esperantina buscar pra cá. Trazer as boas novas pra cá, trazer as informação. Tudo é ela, através da associação, ele é o presidente através da associação. Porque sem a associação a gente não consegue esses projetos, então por isso, a associação pra nós tem uma grande importância (Sócia da associação, 57a, Mato do Meio, 2008).
- É pra ter mais conhecimentos dos projetos que vem, que vem mais através da associação (Sócio da associação, 30a, Mato do Meio, 2008).
- Pra arrecadar o dinheiro pra quando precisar de alguma coisa (Sócia da associação, 21a, Mato do Meio, 2008).
- Serve pra muita coisa boa, ora que a gente ta na reunião e eles informam muita coisa boa (Sócio da associação, 47a, Mato do Meio, 2008).

- Porque reúne as pessoas pra conversar sobre os trabalhos (Sócia da associação, 23a, Mato do Meio, 2008).
- Ajudar nas coisas (Sócio da associação, 39a, Mato do Meio, 2008).
- Para muita coisa, quando faz uma reunião as pessoas vai conversar, vê que é, chama as pessoas e a gente participa, é muito importante (Sócia da associação, 36a, Mato do Meio, 2008).
- Ela um órgão que nos representa, através da associação (Sócio da associação, 31a, Mato do Meio, 2008).
- É muito importante, porque todo mundo reunido mihora, manera. Todo mundo reunido manera, um servição desse aí, se fosse eu só, num ia conseguir, mas por causa do ajuntamento de todo mundo, aí o negocio, rai (Sócio da associação, 30a, Mato do Meio, 2008).
- Pra gente conseguir as coisas (Sócio da associação, 29a, Mato do Meio, 2008).
- Rapaz, ela serve pra um bucado de coisa, é o sossego da pessoa, o pedaço de terra que a gente não podia comprar, tudo é questão da associação. Vem essas prantas pra gente plantar. Então eu acredito que é muito importante (Sócio da associação, 61a, Mato do Meio, 2008).
- Ela serve pra muita coisa, serve pra reunir as pessoas pra ser mais unida, fazer os serviços (Sócio da associação, 30a, Mato do Meio, 2008).

Embora as falas dos assentados demonstrem a “imposição” da associação como saída para construção do projeto de assentamento, eles reconhecem nela sua importância e mecanismos que possam gerar melhoramento das suas condições de vida, superando um *mal coletivo* que individualmente não teriam condições de ultrapassar.

Por meio da leitura das atas, vimos a preocupação de sempre está enfatizando a importância da associação.

Muita gente diz: rapaz tu perde teu tempo pra tu conseguir uma coisa que não vai conseguir só pra tu? Mas como o próprio nome já diz é uma associação, um conjunto de pessoas organizadas pra lutar por um objetivo, então se tem um presidente pra representar essas pessoas, então essas pessoas devem ta apta a responder por eles nesses momentos, mas quando a gente necessita de um trabalho, de uma reunião, como nesse momento, que você pode ver, a gente avisa todo mundo e se reúne, e se tem o que discutir o que há de melhor pros assentados, aí todo mundo fala, todo mundo coloca seu ponto de vista, e acho que é assim que trabalhamos, no continuamento dos projetos, nos encaminhamentos dentro do assentamento

(Presidente da associação, 28a, Mato do Meio, 2008).

Entretanto, esse é um primeiro reconhecimento da importância do grupo diante das próximas estratégias para mantê-lo, posto que, somente isso, não garante que o mesmo se mantenha coeso para seguir em frente, fazendo-se necessário um diálogo constante de troca. Como pode ser observado em outra questão feita aos entrevistados, na qual perguntamos se eles tinham interesse em trabalhar em grupo na produção, conforme observado no boxe 2.

Boxe 2: Representação do Trabalho Coletivo do Assentamento Mato Do Meio: Você pensa em trabalhar em algum projeto que seja em conjunto com seus vizinhos do assentamento?

- Sim, numa horta que tamo criando (Sócia da associação, 27a, Mato do Meio, 2008).
- Sim, o PRONAF, dependendo das condições (Sócio da associação, 35a, Mato do Meio, 2008).
- Sim, nas hortas. Mas é assim, quando começar a plantar os canteiros, aí tá aí 5 canteiro, que é da dona Mazé, aí é a Dona Mazé que vai aguardar os canteirinhos dela, aí a dona Fulana vai aguardar os canteirinhos dela, é todo mundo junto, só que cada um com suas coisas (Sócia da associação, 57a, Mato do Meio, 2008).
- Trabalho todo mundo junto, mas só trocando serviço, assim, hoje eu tenho três trabalhadores, e aí amanhã eu começo a pagar pros que me ajudaram (Sócio da associação, 30a, Mato do Meio, 2008).
- Não sei, ainda precisamos sentar pra conversar (Sócia da associação, 21a, Mato do Meio, 2008).
- Sim, nas hortas, mas cada um com seu canteiro, só quando precisar (Sócio da associação, 47a, Mato do Meio, 2008).
- Nas hortas. Porque podemos olhar as coisas uma das outras (Sócia da associação, 23a, Mato do Meio, 2008).
- Nas hortas, porque fica todo mundo perto pra quando precisar (Sócio da associação, 39a, Mato do Meio, 2008).
- Nas hortas, mas cada um com seu canteiro (Sócia da associação, 36a, Mato do Meio, 2008).
- Rapaz, eu acho muito complicado, mas vamos ver o que vai dar (Sócio da associação, 31a, Mato do Meio, 2008).
- O PRONAF, através da troca de diária (Sócio da associação, 30a, Mato do Meio, 2008).
- Não exatamente, porque a gente trabalha no negócio da gente só que com a ajuda de todo mundo (Sócio da associação, 29a, Mato do Meio, 2008).
- Ainda não sei, porque tem que ver como é esse negócio (Sócio da associação, 61a, Mato do Meio, 2008).
- Só na troca de serviço, nas roças de cada um (Sócio da associação, 30a, Mato do Meio, 2008).

Mais uma vez, observamos o caráter singular de saída estratégica que o grupamento dá diante das diretrizes indicadas no programa, contando com interesse da assistência técnica em “fazer igual às regras”. Pois conversando com os mesmos em outros momentos, disseram-nos que eram eles quem decidiam como seriam realizados os projetos de investimentos comunitários, no entanto, os assistentes técnicos “indicaram” a horta comunitária e a roça orgânica como meios viáveis para o grupo. Só que nestas perspectivas, eles traçaram algumas estratégias, visto que uma horta e uma roça para todos não seria viável, indicando assim uma divisão em sub-hortas e roças, sendo que cada um ajudaria no empreendimento do outro, quando necessário. Sendo a roça direcionada aos homens (por ter a idéia de trabalho pesado) e as hortas às mulheres (mais leve).

Esta compreensão reforça o argumento de Scott (1990) que define as relações de gênero como relações de poder que se expressam nas normas, instituições, símbolos e subjetividades das pessoas, sendo as mulheres o pólo mais fraco desta relação de poder. Tendo “a compreensão de que a divisão de espaços e lugares masculinos e femininos é construída e instituída social e culturalmente” (FARIA & NOBRE, 1997, p. 20).

Nestas perspectivas, os assentados foram construindo seu projeto de assentamento. Vale ressaltar que as ações propostas pelos assentados não tiveram um caráter de usufruto somente dentro do assentamento, segundo eles, ao construir o poço artesiano no assentamento, uma das primeiras coisas que fizeram foi dividir aquela conquista com os vizinhos próximos ao assentamento, da vila Pilões, posto que nas proximidades dela não havia água.

Eu como presidente, mas em reunião com cada sócio, sempre queremos o bem de todo mundo, de cada pessoa que mora perto, não só quem mora próximo de nossa associação, pessoas beneficiárias, mas todo mundo. O nosso assentamento no início, foi estendido a questão da rede de abastecimento d'água pra vila pilões, depois foi que eles também conseguiram lá pra eles, né? Tudo isso são coisa que a gente vê que é esforço, de cada pessoa. Hoje lá tem a associação deles, um pouco mais parada, porque eu digo que é diferente da nossa, mas nós mostramos que por meio da associação a gente consegue as coisas e sempre pra todo mundo (Presidente da associação, 28a, Mato do Meio, 2008).

A fala do presidente mostra que a idéia de construção coletiva das ações pode ser uma saída de superação das dificuldades encontradas por eles e outros. Sendo que o usufruto é estendido a todos que estejam ligados a ação, mas que não necessariamente tenham participado das decisões ou execução dela. Ele observa ainda que as estratégias utilizadas por eles assentados possam servir como um exemplo de superação do *mal coletivo*.

Porque hoje assim os assentamentos, do município de Batalha, Esperantina e Joaquim Pires e Campo Largo, as vezes a gente encontra no CEPES, a gente ta lá conversando e troca experiências, como é que vive as pessoas desse assentamento, como é que a gente vive, a gente repassa experiências da gente. Então, tornou-se assim uma forma da gente conhecer mais pessoas, inclusive o presidente lá do mirante que é bem próximo de lá onde mora sua família, a gente já foi lá na inauguração deles. Hoje assim, a gente bem próxima do rapaz que é presidente lá, a gente conhece pessoas. Então assim, isso só ajuda no conhecimento da gente, e faz com que a gente, essa história da gente seja valiosa, pra gente repassar o que a gente vive ela, o que é mais importante. Então, o dia-dia da gente, que a gente veve aqui dentro do assentamento, as vezes a gente esquece de valorizar aquilo que a gente conseguiu, mas nós não, nós procuramos sempre trabalhar o que há de melhor pra gente. Ainda tem pouco tempo, nós consideramos que ainda não está desenvolvido, mas nós temos projetos pra desenvolver. Então pra melhorar a vida a gente tem sempre que pensar no futuro. E buscar pra frente, e o grupo nosso é muito bom pra isso, não é um grupo que fica se escorando, nem de criar desentendimento com o serviço não. Se eles tem alguma dúvida, eles diz rapaz me esclareça aqui, e eu tenho todo o prazer em esclarecer. Então é pra isso que o grupo existe, trabalhar todo mundo junto, e é muito bom, difícil é, mas quando a gente consegue, fica satisfeito. Então, a gente espera que nossa forma de viver possa servir pra melhorar muita coisa em outros

assentamentos. O exemplo que a gente fez e tudo que a gente faz, a gente ta sempre aprendendo mais e a partir daí é só melhorar, eu acredito que as coisas vão melhorar, tanto o nosso desempenho como já assentado como as pessoas que se interessar e ver as questões das dificuldades enfrentadas, pra ta amenizando pra outras pessoas (Presidente da associação, 28a, Mato do Meio, 2008).

Nesse sentido, observamos que os assentados conseguiram montar estratégias singulares para construção do projeto do assentamento, permitindo uma melhor condição de vida que haviam proposto. Só para se ter idéia da dimensão do que representa uma melhor condição de vida deles, em depoimento, um assentado disse: “horas eu comento com minha véa, [dizendo que] eu imagino que no tempo de eu novo nunca chegou essa facilidade aqui, da nossa idade que nós temos, nós vamos produzindo, já é uma facilidade pra nós, com certeza” (Sócio da associação, 30a, Mato do Meio, 2008).

Por outro lado, observamos que o projeto abriu as portas para a aprendizagem coletiva e comunitária de recursos e o exercício da solidariedade. O grupo se fortaleceu e ganhou autoconfiança. Aprenderam a trocar idéias e descobriram que a união permite obter resultados impossíveis de se alcançar pela ação individual.

Finalmente, o trabalho a partir das pequenas ações familiares e/ou comunitárias dos assentados criou uma referência que pode inspirar (se é que já não inspirou outros projetos, pelo contato que o presidente estabelece com outros assentamentos e vizinhos) outras experiências semelhantes, especialmente com relação a outros projetos de assentamentos. Porém, como observamos nos questionários aplicados, essa relação de troca de experiências com o “mundo exterior”, no sentido de outros assentamentos/ comunidades/ entidades/ movimentos sociais, não se dar por todos os assentados, dos dezesseis sócios, apenas cinco estabeleceram esse tipo de contato.

Nesse sentido, observamos um emaranhado de argumentos que põe em evidência uma projeção da elite de referência, pensando nas indagações postas por Chauí (1990) para uma autonomia. Já que estes transformam, de certa forma, seu percurso, baseando-se em suas participações diretas nas decisões e em uma representação comunicante. Porém, não podemos apresentar o mesmo quadro para os demais assentados do assentamento Mato do Meio, posto que estes limitam, de certa forma, suas participações aos ensejos da elite de

referência. Por isso, a responsabilidade dada a elite de referência, neste novo contexto em que eles também são experimentadores, vê-se diante de pontes que podem ou não levar a processos amplos de descentralização e participação efetiva nas tomadas de decisões, e que estas sejam disponíveis e com qualidade.

Assim, queremos deixar claro que nossa visão não é somente de otimismo e nem somente de pessimismo, pois as portas para aprendizagem coletiva que levem a uma autonomia/representação podem ser fechadas diante de novos problemas surgidos, cabendo aos mesmos criarem estratégias no sentido de superá-los.

Estudo de caso II: Assentamento Pedras

O assentamento de Jovens rurais “Pedras” foi criado em 23 de março de 2006, em uma área total de 199.040 ha. Com relação à população, o assentamento é composto por 25 (vinte e cinco pessoas), de até 30 (trinta) anos, com um maior número de pessoas do sexo feminino 16 (dezesesseis) e masculino 9 (nove). Essa composição do assentamento, da maioria entre 11-30 anos, foi proposta na formação do grupo.

Os assentados decidiram por criar um assentamento só com jovens⁴, já que, segundo um deles, “as coisas é muito difícil, o meu marido já saiu três vezes pro Mato Grosso. A saída apresentada pela associação de jovens Pedras de superar um *mal coletivo*, pela construção de um assentamento, indica a existência de barreiras concretas à inserção dos jovens em suas realidades, tais como a falta de acesso à terra, como lembra Brumer (2006). Para isso, os assentados apostaram no PNCF, e sua proposta de configuração posta pela associação.

A associação mesmo em si, ela tem o papel muito importante, que, as vezes a pessoa diz: olha foi fundado essa associação e depois que fundou a associação os membros, que dizer fundou a associação os membros estão lá tudo ativo, depois que adquiriu a terra, uma casa,

⁴ Para alguns autores, para citar Brumer (2006) existem dificuldades operacionais para delimitar categoricamente a juventude. Em específico, seu início e fim, já que coexistem aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos envolvidos na definição do termo. Porém existe algum consenso na consideração de quem é jovem em determinada sociedade. No caso da realidade estudada, o entendimento de uma noção de jovem que procurou dar visibilidade é o do pertencimento a um grupo, quer dizer, a consideração dos próprios atores sociais para a representação construída por eles “do jovem”, e não do limite etário.

energia e água, os sócios da associação desativou suas fichas lá da associação. Isso é um fato que vem acontecendo muito na região. Tá até preocupando as entidades, porque que isso tá acontecendo. E aqui eu vejo que o jovem não tá, quer dizer, não tá totalmente fazendo isso. Mas tem uns querendo, achando que a associação já fez sua parte e ele fez sua parte na associação, que era pra ser feita. Ele não tem mais nada haver com a associação, que na realidade o projeto só veio devido a associação, porque se não fosse a associação, porque a associação somos nós todos, que eu sozinho lá não conseguiria fazer, somos 14 jovens, sendo que morando mesmo temos 9, porque esses seis, são assim, tão na casa dos pais ainda, devido as condições financeiras, estão morando com os pais (Presidente da associação, 25a, Pedras, 2008).

Embora o assentamento Pedras tenha no cerne de suas propostas o melhoramento das condições de vida dos jovens rurais, depois da conquista da compra do imóvel e da construção da infraestrutura no assentamento, observamos, por meio da fala do presidente da associação do assentamento, que os mesmos estão passando por um processo de reorganização das estratégias, para que venham mostrar uma nova representação dos jovens no cenário das ruralidades.

Autonomia/representação associativa pelas percepções da proposta de assentamento

Conforme falado anteriormente, há uma proposta (discutível, como vimos no estudo do assentamento Mato do Meio) de que os atores envolvidos nesse processo de assentamento, de tal programa, tenham autonomia para elaborar e executar seus projetos. No caso do assentamento Pedras, as estratégias utilizadas por eles para uma autonomia/ representação se entrelaçam e desdobram em caminhos dispersos.

O sindicato nos falou do programa do crédito fundiário, e aí surgiu a idéia da primeira terra, ficamos achando bom, né? Que fundasse a associação para poder vir os créditos, pá puder fazer as casas, comprar a terra, água,

abastecimento d'água e de energia... e aí, daí, surgiu, é... esse interesse, dos jovens, fizemos várias reuniões para puder fundar a associação, que foi a primeira aqui em Esperantina, de jovens (Presidente da associação, 25a, Pedras, 2008).

Assim, o incentivo de criação do assentamento de jovens Pedras do município, partiu da instigação do sindicato dos trabalhadores rurais do município. Que segundo eles, a entidade os ajudou no apoio à fundação da associação e nas dúvidas que vinham surgindo. Como pode ser observado também na fala de uma sócia:

A gente ficou sabendo pelo sindicato, o sindicato reuniu a gente e perguntou se a gente queria participar desse tipo de assentamento. Aí primeiro a gente começou a estudar a cartilha da primeira terra. Primeiro começou com 35, depois foi pra 22 e depois pra 15, até ficar em 14. O pessoal dizia: ah, isso é só besteira do governo, não vem nada não. E hoje em dia, muita gente que não entrou ta arrependido (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).

Desse modo, os assentados resolveram criar uma proposta de assentamento. No entanto, como falamos anteriormente no tópico sobre mobilização/participação, o incentivo do STR para que eles participassem daquela proposta não foi suficiente, mas o reconhecimento do problema de que faziam parte, e o desejo de superá-lo, os manteve em volta disso. Como pode ser observado no box 3.

Boxe 3: Interesse de Superação do *Mal Coletivo* no Assentamento Pedras

Por que você está participando deste assentamento?

- Foi assim, minha irmã desistiu de vim pra cá, a gente morava junto lá no Murici, aí a gente resolveu vim morar aqui (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Porque essa oportunidade que o governo deu era muito boa. E aí como eu tava precisando, eu vim (Sócia da associação, 23a, Pedras, 2008).
- Porque eu gostaria de uma casa pra mim e meu filho. Antes eu morava com meu pai, na lagoa dos macacos, no assentamento de lá, e eu queria mostrar que eu também posso vencer (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Porque onde nós morava, nós tava morando no terreno da Lagoa das Chapadas, perto da rua mermo, nós tarra lá sozim, porque o pessoal de nós já tinha tudo saído de lá. E lá era muito ruim, eu sofria muito lá. E aqui eu tenho uma irmã que mora ali e está sempre me ajudando (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Porque eu achei que era uma coisa boa, viver na minha casa, saber que eu também posso ter as coisas (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Porque aqui tem como a gente vencer na vida, arrumar um trocado, e lá onde nós morava num tinha nada, não tinha condição. Eu morava no junco, depois do Murici (Sócia da associação, 25a, Pedras, 2008).
- Foi uma oportunidade que teve, aí eu corri pra vir pra cá (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Porque eu penso em melhorar. Ter minha casa e não depender dos outros, que pensa que a gente é lixo (Sócia da associação, 27a, Pedras, 2008).
- É porque meu marido queria muito vir pra cá porque era perto do serviço dele, por mim eu num tinha vindo não. De muito que ele pelejava, aí eu acabei vindo (Sócio da associação, 23a, Pedras, 2008).
- Porque nós não tinha casa, e nem condição de levantar uma casa, aí o Toim disse, falou pra nós do assentamento, aí nós se cadastramo pra ganhar essa casa (Sócio da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Por causa que as oportunidades hoje em dia são poucas e a gente não pode desperdiçar nenhum, porque a gente não vai viver só dependendo dos pais da gente que já moram em assentamento, a gente também que viver um pouquim, de como ser assentados (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).
- Porque eu ia casar, aí eu fui substituta por outra pessoa, mas eu já sabia por que morava no assentamento da lagoa (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).

Diante das entrevistas realizadas e da análise das atas da associação do assentamento, observamos o esforço dos assentados em criar um ambiente de autonomia e representação associativa, pensando principalmente a autonomia como Chauí (1990), uma luta política. Porém este se apresentou de forma atropelada. Pois embora tenha sido criada uma elite de referência, como visto no assentamento Mato do Meio, para está à frente do projeto e criar estratégias para que os demais se mantivessem coesos à idéia e os imitassem, para mudar uma forma de representação, esta findou vários rumos.

Podemos ver, no boxe 4, pelas falas dos assentados, que a elite de referência procurou instigar aos demais a participar. Vale ressaltar que essa elite se apresentou na pessoa do presidente da associação, dos

filhos do tesoureiro do STR do município, bem como a primeira secretária (muito ligada ao STR). Nas reuniões registradas em atas, vimos também que a elite de referência estava sempre incentivando os demais a contribuir por meio de arrecadação de fundos (participação em bingos e festas), como também a participar ativamente da associação. Só que de modo coercitivo, conforme falado anteriormente, onde quem não freqüentasse as reuniões seria banido da associação e, conseqüentemente, do projeto de assentamento.

Boxe 4: Confirmação à Motivação para Participar do Assentamento Pedras

Houve motivação de alguém ou de alguma coisa para você participar deste assentamento?

- Minha irmã, meu marido [filho do tesoureiro do STR] para a gente ter como vencer na vida (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- A pessoa que mais me incentivou foi a Francilene, o Luisano [STR] e o Antonio Carlos [presidente da associação]. Eu morava antes na Furna da Onça, que fica próximo ao bairro da cidade (Sócia da associação, 23a, Pedras, 2008).
- Eu mesmo, porque eu queria uma casa, queria sair da casa dos meus pais. Porque a casa da gente é tão melhor, é bom ter a casa da gente (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Eu achei que aqui ia ser melhor, por causa da água, das coisas que ia ser mais fácil (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Meus pais, porque na época eu trabalhava em Esperantina em casa. Aí eu deixei o serviço e vim embora, porque as reuniões era dia de sábado e não podia deixar de participar das reuniões, aí eu deixei o serviço (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Porque meu pai é padrim do presidente, e era pra eu ter me associado no começo, mas não deu certo, aí eu vinha assistir as reuniões, mas ainda não tinha surgido a oportunidade de uma casa (Sócia da associação, 25a, Pedras, 2008).
- A necessidade (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Meus pais [filho do tesoureiro do STR], pra poder mostrar que eu posso ter as coisas (Sócia da associação, 27a, Pedras, 2008).
- Foi o Antonio Carlos [presidente da associação] (Sócio da associação, 23a, Pedras, 2008).
- Necessidade e o papai (Sócio da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Quem mais motivou foi o papai [tesoureiro do STR] (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).
- Foi o presidente, que perguntou se nós não queria morar aqui (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).

Essa configuração posta pela elite de referência põe em evidência argumentos que vão de encontro conflitante aos aspectos propostos por Castoriadis et. al. (1992), no que diz respeito principalmente aos componentes para uma sociedade autônoma, dentro da proposta ideal de democracia, como: a tomada de decisões, que deve ser compartilhada com todos os atores envolvidos e não somente pela

elite de referência, pondo claramente estratégias para que todos possam participar amplamente, mas protegendo a liberdade dos indivíduos em todas as esferas.

Ainda com relação a tomada de decisões e compartilhamento entre e além da cúpula, observamos que apesar do forte apoio do STR na formação do grupamento, os assentados apresentaram estratégias, durante o acompanhamento da proposta de financiamento, que ultrapassou o apoio do mesmo. Como, por exemplo, a busca de informações sobre o andamento da proposta. Segundo o presidente, embora o STR mantivesse uma relação estreita com a UTE, a proposta enviada por eles estava demorando muito, então ele (representando os demais sócios) foi até a unidade técnica solicitar informações e agilidade, já que por telefone não estava conseguindo.

Uma vez eu até tomei emprestado dinheiro, dizendo pros meninos, rapaz, esse negócio tá demorando, vou ter que ir lá. Porque se não partir da gente, da própria associação, o interesse, não vai vigorar. Aí os menino sempre colocava, Antonio Carlos, rapaz cadê? Aí eu disse, rapaz pois é o jeito eu ir lá. Falando sério, e isso eu disse lá no crédito fundiário, e digo em qualquer lugar, até no meio de comunicação, [...] eu fui no 180º grau (Presidente da associação, 25a, Pedras, 2008).

Os próprios assentados reconheceram a importância de suas mobilizações nos resultados das ações. Segundo eles, só houve agilidade na aprovação da proposta de financiamento do assentamento por conta da pressão exercida através do meio de comunicação de massa. Entretanto, apesar do apoio dos sócios, a pressão exercida se deu pelo próprio presidente.

A negociação da compra do imóvel também foi realizada com a participação ativa do presidente da associação e o STR intermediando o preço com o proprietário. Porém, antes da tomada de qualquer decisão final sobre esse ponto, o presidente reuniu os assentados para decidirem juntos (embora de maneira coercitiva), já que se tratava de representar os associados, como pudemos observar nas atas de reunião e nos questionários aplicados aos sócios, onde todos responderam que ajudaram a decidir na compra do imóvel.

A negociação foi feita entre nós da associação, o sindicato dos trabalhadores rurais. Nós fomos lá, falamos com o proprietário que era o João Luís. Nesse dia lá, ele colocou um

preço lá acima do que o INCRA avaliou em 100 reais e ele pediu 150 reais no preço de uma hectare. A gente conseguiu comprar ainda por 140 reais, com muita negociação do sindicato e nós da associação, ele deixou por esse valor (Presidente da associação, 25a, Pedras, 2008).

Nestes primeiros momentos de construção da proposta de financiamento, o apoio se deu praticamente por meio do STR. A participação da assistência técnica se apresentou de forma pontual, sem muitos vínculos de aprendizagem para grupo, destacando apenas suas visitas em alguns momentos das reuniões, nos momentos decisivos da proposta de financiamento, sem um maior delineamento de sua forma de apoio.

Assim, durante a fase de elaboração / construção / acompanhamento da proposta de financiamento do projeto de assentamento, os assentados, em particular por meio da elite de referência, criaram estratégias que ultrapassaram as barreiras impostas, seja construindo coletivamente ou pela elite de referência, com um aspecto mais disperso dos demais assentados.

Autonomia/representação associativa pela urdidura do assentamento

Dado a perspectiva de um novo ambiente, configurado pelas estratégias realizadas no momento de elaboração/construção/acompanhamento da proposta, os assentados tiveram que traçar continuidades e/ou descontinuidades para execução dos sub-projetos de investimentos para o assentamento. Por isso, as atividades da associação se concentraram detidamente no projeto.

Em relação a construção das casas, foi por conta da associação. Porque até o crédito fundiário, nos pediu para que fosse a associação. Nós vimos os preços de material, tudo. Até uns materiais tinha aqui no assentamento, no caso do massará, a pedra, tinha areia. Nós pegamos areia, massará aqui dentro mesmo do assentamento. Pela associação, nós contratamos dois pedreiros pra tomar de conta, né? Da construção das casas, e foi contratado turma de pedreiro pra construir, um levanta uma casa, outro levanta outra. A madeira foi comprada toda em

Esperantina, madeira boa, e o material foi feita licitações, foi dado licito pra três lojas, teve uma loja que ganhou a licitação, que pelo menor preço, né? E tudo pela associação, foi feito equipes pra procurar preços, pra olhar material, pra receber material, entendeu? Tudo tinha aqui no assentamento. E foi feito pela associação (Presidente da associação, 25a, Pedras, 2008).

Neste momento, os assentados deram muita importância à associação. Eles se dividiram em vários grupos para dar conta das atividades a serem executadas, tanto por eles como pelos técnicos contratados, mesmo porque eles teriam de entrar com 10% (dez por cento), como contrapartida exigida pelo programa. Essas atividades podem ser melhor detalhadas pelas falas dos assentados, no boxe 5.

Boxe 5: Envolvimento-Participação no Assentamento Pedras

Você trabalhou em algum projeto de desenvolvimento do assentamento como, por exemplo, para construção das casas, distribuição de água e/ou energia? Como?

- Como era dividido as atividades, eu ajudei nas compras dos materiais de construção (Sócia da associação, 23a, Pedras, 2008).
- Sim, limpando os terrenos (Sócia da associação, 25a, Pedras, 2008).
- O meu marido ajudou a limpar o lugar, a pintar a casa, juntar pedra, botar água pra amassar o barro, pagando carroça pra botar o barro (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Meu pai ajudou a pagar um pessoal pra fazer as cavas, porque era por conta dos sócios, e a pintura da madeira (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Teve, no preço do material (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Na compra dos materiais (Sócia da associação, 27a, Pedras, 2008).
- Ave Maria, aqui era 24h, todo o tempo, logo porque cada um tinha que dar acompanhamento à sua casa, se saísse alguma coisa errada, o culpado era você. Aí a gente ficava acompanhando (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).
- A gente fez a contrapartida, que foi pintar a casa (Sócio da associação, 22a, Pedras, 2008).

Segundo relato dos próprios assentados, tudo isso foi uma aprendizagem. Eles aprenderam a resolver muitas situações que nem imaginavam como poderiam dar conta. Além de aprender também com os próprios pedreiros contratados, pois os assentados trabalharam como serventes deles. Eles disseram também que até a responsabilidade de fazer uma coisa bem feita, tiveram que aprender. Entretanto, embora seja observada uma atualização das formas de trabalho seguida de estruturas de aprendizagem, também visualizamos

uma reafirmação das lógicas e os valores que predominam nas esferas do trabalho, como é o caso das estruturas identitárias das mulheres.

Assim, podemos observar nestes momentos de construção dos projetos de investimentos comunitários, mecanismos de aprendizagem coletiva que trouxe novas lições que devem ser consideradas como superações diante dos desafios impostos, mas não de forma linear, como nos lembra o relato do presidente da associação. Mesmo com esses mecanismos positivos de construção coletiva para superação de um *mal coletivo*, os assentados enfrentam um novo desafio, de criar identidades para este novo ambiente coletivizado.

Houve, teve pessoas que descobriram que não dava pra eles, né? Disseram que não dava pra ele, outro preferiu viajar. Ele disse: rapaz Antonio Carlos, não dar certo, aí nós mudamos. Teve 5 pessoas que foram mudadas. Dessas que tão no cadastro lá. Inclusive tem até que fazer uma substituição no banco, porque eles descobriram que não dava pra eles. Que preferia estudar lá em Esperantina, aí despachou, né? Que não dava pra ir (Presidente da associação, 25a, Pedras, 2008).

Embora tenha havido essas desistências, tendo no bojo vários motivos para tal decisão, por parte dos desistentes, enfatizado pelo presidente, como caráter principal, a não identificação deles com os mecanismos adotados no assentamento, parece haver um conflito entre alguns dos assentados sobre esta forma de execução dos investimentos para o assentamento. Conforme observado no boxe 6.

Boxe 6: Representação do Trabalho Coletivo do Assentamento Pedras
Você gosta dessa forma como vem sendo feita a distribuição dos investimentos do assentamento, ou você preferia que cada um tivesse seu dinheiro e fizesse do jeito que queria?

- Acho que se viesse pra cada um era melhor. Assim, acho que ficava mais fácil da gente resolver (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Dessa forma é melhor, por que a gente consegue mais coisas junto (Sócia da associação, 23a, Pedras, 2008).
- Não, tá melhor assim (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Sim, acho é bom desse jeito, porque todos ganha (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Em grupo é bom, mas que todo mundo trabalhe, né? Agora se fosse individual era mais difícil ainda, porque a gente sozinha não ia dar conta. Aí todo mundo junto fica mais fácil (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Sim, acho que é bom pra conseguir as coisas (Sócia da associação, 25a, Pedras, 2008).
- Nem todos, como faz tempo que era pra fazer o cercado e nunca fizeram, aí táí, a gente fez por conta própria (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Acho que assim é melhor pra viver (Sócia da associação, 27a, Pedras, 2008).
- Sim, pra viver melhor. Porque em grupo, faço como o Toim, cercava o terreno todim. E só fica mais ruim (Sócio da associação, 23a, Pedras, 2008).
- A gente individual é melhor, o grupo é bom por uma parte, mas por outra é melhor sozinho mesmo (Sócio da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Acho que na associação seria melhor, porque se fosse colocar em cada família ainda ia ser pior ainda, porque um fazia outro não fazia, aí se fosse um grupo voltado só pra associação, que de dedicasse mesmo, aí eu que dava certo (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).
- Era melhor individualmente, a associação deveria ser só pras coisas que não dava pra trabalhar individualmente (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).

Dessa forma, passado o momento de construção dos projetos de investimentos comunitários, onde exaltaram a importância de se trabalhar conjuntamente, observamos um conflito entre os assentados sobre a forma como vêm sendo elaboradas as estratégias de superação do *mal coletivo*, embora reconheçam a importância da associação. Conforme observado no boxe 7:

Boxe 7: Representação da Associação no Assentamento Pedras
Na sua opinião, para que serve a associação?

- É a forma da gente participar, que a reunião a gente ir. Acho que é importante sim a gente participar (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- É uma forma de unir forças pra um grupo conseguir pra sobreviver. Porque a gente sabe que uma pessoa só não consegue tanta coisa, e já através de um grupo é bem mais fácil (Sócia da associação, 23a, Pedras, 2008).
- Ela é importante, porque é bom pra todo mundo (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Porque amanhã ou depois, quando a gente precisar de alguma coisa e a gente não ser sócio, não faz (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- É importante, porque a gente aprende muita coisa que a gente não sabia (Sócia da

- associação, 21a, Pedras, 2008).
- Pra gente conseguir as coisas (Sócia da associação, 25a, Pedras, 2008).
 - Pra quando a gente precisa de alguma coisa, pra fazer o salário maternidade, tem a associação, assim um projeto como o PRONAF, etc (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
 - Serve muito, que quando a pessoa precisa fazer uma coisa, aí tem a associação (Sócia da associação, 27a, Pedras, 2008).
 - Pra resolver as coisas (Sócio da associação, 23a, Pedras, 2008).
 - Pra reunir as pessoas pra trabaiaar junto, se organizar, um bucado de coisa (Sócio da associação, 22a, Pedras, 2008).
 - A associação é um conjunto de pessoas que se juntam pra poder ir mais além, porque eu sozinha não podia construir esse assentamento, né? A associação é um grupo que tem mais forças. É um conjunto em que todo mundo trabalha coletivo (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).
 - União entre as pessoas, só vai dar certo se tiver união entre as pessoas (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).

Nestas perspectivas, parece haver um conflito interno que impede aos assentados que tomem uma postura mais deliberativa da importância do trabalho coletivo, pois embora reconhecendo a importância da associação, eles não estão conseguindo discernir melhor como estão se dando suas interações sociais, como observado no boxe 8.

Boxe 8: Participação-Autonomia-Representação do Sócio do Assentamento Pedras**Na sua opinião, qual o principal problema deste assentamento?**

- A cerca daqui era bom se ajustasse, porque nunca cercaram, porque ele disse que era por causa da chuva, porque ele disse que ficava mole, agora parou de chover, eu não sei o porquê (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Nem todo mundo aqui é, tem uma união. É cada pessoa por si, é como se tivesse uma divisão aqui. Uma parte fica com o presidente, apóia as decisões dele, e a outra parte apóia o que é certa, o que acha certo, e aí eles aprovam (Sócia da associação, 23a, Pedras, 2008).
- É por causa que tem muita gente que num tava morando aqui. Eu mermo, era uma que não tava morando, agora eu to. Que se a gente num morar, tem que vir morar. E a cerca que também ainda não foi feita, e que já era pra ter feito. Eu quebro os coco daqui mermo. E eles num se importam não (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- É só o negócio dos projetos (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Se já tivesse resolvido a questão da cerca era melhor (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- O pessoal que não se decidiam sobre o pronaf (Sócia da associação, 25a, Pedras, 2008).
- Tem dois anos que as casas foram feitas e nem todos vieram morar (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Falta fazer esses cercados, pra ficar melhor pra gente criar as coisas (Sócia da associação, 27a, Pedras, 2008).
- Do cercamento de todo o terreno (Sócio da associação, 23a, Pedras, 2008).
- Assim, nas reuniões, porque quando a gente vai falar uma coisa o presidente se altera muito com as pessoas. As vezes até com a pessoa que ele ta de bem (Sócio da associação, 22a, Pedras, 2008).
- É só o negócio do presidente, que quer se o tal (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).
- Só que umas que não vem morar definitivamente, aí prejudica os que estão morando, demorando a liberação dos projetos (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).

Posto isso, podemos enxergar nestes momentos de não identificação com os mecanismos adotados na construção de uma melhoria das condições de vida dos assentados, por meio do assentamento, uma falta de conexão interativa entre a elite de referência e os demais sócios. Já que as estratégias elaboradas por ela (elite de referência) não consegue manter uma relação integrativa entre eles. Embora em alguns momentos cruciais eles consigam superar, de forma limitada, tal situação, como é o caso da “queima do transformador de energia”.

Nós temos um transformador aqui que queimou uma fase no dia 21 de março de 2008, e eu sempre ligando pra cepisa, fizemos um abaixo assinado e mandei o documento todim que precisava para Teresina, pra passar pra associação, tal. E lá eles tinha um transformador que podiam botar pra cá. Aí eu

descobrir, um funcionário lá me disse, aí porque ele fez uma pesquisa aqui dentro que não tinha voto pro candidato dele, ele num trouxe e botou pra outra comunidade. Aí eu entrei em contato com outras pessoas, entraram em contato com Teresina, e Teresina chamou atenção do gerente daqui da CEPISA, do porque que não atenderam lá o assentamento, ele ligou pra mim aperriado, depois de três meses, disse que não tinha transformador e, ante ontem, ele veio e botou um transformador e levou o outro pra consertar. Eu liguei pra central de Teresina, mesmo. Porque se não nós íamos passar dois anos sem transformador. Porque você tem que ir até lá, onde tem informação, se o caba dizer: não rapaz não dar certo por aqui, vá até o meio da maior instância possível. Graças a Deus ta aí o transformador colocado, por causa de um problema político, porque o caba não tinha voto pro candidato dele. Infelizmente, ainda existe isso (Presidente da associação, 25a, Pedras, 2008).

Nesse momento, houve a mobilização tanto da elite de referência quanto dos demais sócios do assentamento para resolver tal problema, apontado pelo presidente como uma questão de clientelismo político. Já que os assentados não tinham nenhuma afinidade com as propostas do político que exercia uma influência de controle no órgão de abastecimento de energia do Piauí, o mesmo tentou barrar a troca do transformador.

Nessa teia de pensamento, podemos dizer que os assentados do assentamento Pedras, estão passando por uma fase de reorganização de estratégias para que venham se firmar autonomamente. Posto que, embora tenham criado estratégias que os mantivessem em momentos de gerar autonomia, estas se apresentam de forma fragmentária, se é que possamos chamar assim. Neste meio, a representação associativa dialoga com a dissociação da autonomia, mesmo que já esteja delineada uma concepção mais clara sobre sua importância e participação. Com relação à participação nas reuniões, dois pontos devem ser esclarecidos: coerção e subordinação, posto na fala dos assentados, visto no boxe 9.

Boxe 9: Envolvimento dos Assentados na Associação do Assentamento Pedras**Você participa de todas as reuniões da associação? Por quê?**

- Assisto sim, as reuniões. Mas é meu marido mermo que participa das reuniões, porque eu fiquei aqui em casa cuidando do neném. Quando eu cheguei lá já tinha terminado. [Seu marido lhe falou do que aconteceu lá?] Não ele num falou não (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Sim, pra ficar interado dos assuntos, pra gente ficar em dias. Às vezes eu participo, mas as vezes não. Quando é fim de semana, que tem aula, eu não participo (Sócia da associação, 23a, Pedras, 2008).
- Sim, porque se a gente faltar três reunião, a gente sai (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Ele sempre participa, porque é bom pra gente ganhar as coisas. Eu não participo porque sempre to fazendo alguma coisa de casa, aí ele quem vai, aí ele me conta como foi, como foi o caso da reunião do PRONAF, ele disse que foi boa, porque decidiram e encaminharam um bucado de coisa pra fazer logo (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Sim, como disse, tinha que participar pra criar o assentamento (Sócia da associação, 21a, Pedras, 2008).
- Estou começando a participar, porque o presidente disse que eu tinha que participar pra poder vir morar aqui (Sócia da associação, 25a, Pedras, 2008).
- Sim, pra conseguir o assentamento (Sócia da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Sim, pra ficar informada das coisas. Aqui acolá, eu dou minha opinião (Sócia da associação, 27a, Pedras, 2008).
- Depois que eu entrei sim, porque tem as novidades que ele passa pra gente, e aí a gente fica sabendo o que ta acontecendo na associação (Sócio da associação, 23a, Pedras, 2008).
- Sim, porque é bom pra saber das coisas (Sócio da associação, 22a, Pedras, 2008).
- Participo, a gente participa porque é um meio de como a gente reivindicar o direito, lá na reunião eu posso reclamar de alguma coisa, posso votar, ser votado, é pressas coisas assim (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).
- Depois que me associei sim, pra resolver as coisas (Sócia da associação, 20a, Pedras, 2008).

Alguns pontos nos permitem apresentar, de certa forma, uma idéia de limitação da autonomia-representação no assentamento, posto que a construção de participação se dá nos moldes coercitivos (se não participar das reuniões da associação está fora do assentamento) e a participação da mulher se dá de forma fragmentária, e em alguns casos a mantendo apenas como boneco de fantoche, como se elas não soubessem o que estão falando nas reuniões, que apesar da mobilização política que marcou a luta para estruturação do projeto de assentamento e das discussões que eram freqüentemente realizadas, sobretudo pelas associações dos assentados, a presença e a participação feminina ainda são insignificantes. Conforme observado,

de certa forma, pelos resultados apontados por Gema Esmeraldo *apud* Medeiros (2008).

Nos casos por ela estudados, a associação serviu mais para fortalecer as relações de dominação masculina e reforçar o caráter patriarcal da família. Na associação estudada, reduziu-se a participação política da mulher nas decisões sobre a gestão produtiva das culturas agrícolas e inibiu-se seu acesso à informação e relações institucionais (MEDEIROS, 2008, p. 14).

Nestas perspectivas, podemos observar, embora de forma singela, já que se requer um estudo mais atento, uma relação de gênero no interior do assentamento Pedras marcada por diferentes modalidades de participação, o que faz com que a sua inserção seja fragmentada nos momentos construtores do projeto em si.

Essa configuração proposta na relação de gênero transita por argumentos mais gerais para se pensar a construção do assentamento. Onde se tem, pelo menos em tese, uma perspectiva para uma experimentação distributiva e cultural da representação de uma identidade afirmativa dos jovens do meio rural, salvo as limitações observadas por Abramovay & Camarano (1999). Já que esta propõe uma aprendizagem coletiva pela ação valorizada nas experiências e comportamentos dos membros, com responsabilidade em criar regras/normas comuns, podendo gerar assim um emponderamento.

Considerações finais

Ao pensarmos, a partir das diretrizes propostas no PNCF, dentre elas, uma possível construção coletiva dos assentamentos propostos por tal política, é que pensamos em frutos que um *bem coletivo* pode trazer por meio da relação entre os atores envolvidos no processo de assentamento. Por isso, procuramos dialogar com as categorias autonomia e representação, no sentido de compreender até que ponto houve uma construção social dos projetos dos assentamentos estudados que pudessem gerar mecanismos tão caros a Diniz (2002), de aprendizagem coletiva, delegação de poder e responsabilidade, e normas e regras comuns, construídos em *ação coletiva*.

Embora as propostas últimas organizadas pelos assentados não tenham um caráter de visibilidade imediata, os meios que utilizam alavancam processos outros. Eles são importantes porque funcionam como um processo de formação política. Pelo menos foi isso que

percebemos nos assentamentos estudados. As reivindicações, propostas, programas, etc. permitem a discussão e elaboração do objetivo do grupo – “acesso à terra” para melhoria na qualidade de vida.

Essas proposições dos assentados podem ser vistas como as formas nas quais o *bem coletivo* é projetado, dadas as devidas limitações. As associações desses assentamentos se consolidam pela busca por ações que possam criar condições para a qualidade de vida, mesmo que referenciando, de certa forma, as intervenções governamentais. As mobilizações postas em partes, anteriormente, podem possibilitar uma consolidação de uma ação perpassada pelo âmbito político que ganha unidade e força em uma consciência coletivizada, que por meio do grupo, as dificuldades podem ser reavaliadas, para se buscar superação.

O crédito fundiário é a favor das pessoas, dos sem-terra porque nós não temos terra, nós não tinha, hoje nós já tem, nosso pedacinho de terra, orientando como é o jeito de trabalhar, trabalhar em conjunto, vai ter esse PRONAF A, que é pra esses trabalhador trabalhar nesses negocio como o Antonio José já falou aí, né... aí tudo isso já é uma ajuda, porque você vê que de primeiro, os trabalhador rural não tinha acesso a nada. Até mesmo pra tirar um dinheiro no banco, assim do PRONAF B, era muito difícil, né? E hoje, isso tudo já é a favor de nós, de primeiro só era os homens, hoje em dia também as mulher, né? Aí tudo já é novo, a favor. (Sócia da associação, 56a, Mato do Meio, 2008).

Além dessa perspectiva apresentada no relato da assentada, do novo olhar dado aos atores do meio rural, um aspecto importante a ser ressaltado é o caráter inclusivo (com as devidas limitações) reconhecido por ela, no caso do meio rural, à mulher. Medeiros (2008), em diálogo com outras autoras, aponta algumas conexões causais apresentadas pelo Estado e sociedade civil para o novo olhar do gênero às políticas públicas.

[...] alguns dados apresentados por Andrea Butto e Karla Hora [mostram que] [...] foram necessárias novas formas de intervenção estatal para garantir direitos às mulheres, uma vez que os mecanismos das políticas

públicas, reconhecendo e normatizando direitos, acabam tendo um importante papel para que, cada vez mais, o tema das mulheres vá ganhando espaço na agenda e institucionalizando no interior da estrutura estatal e, assim, criando um patamar para novas demandas [...] No entanto, cabe ainda indagar em que medida e de que forma as normas tradicionais, em especial no que se refere ao patrimônio, se combinam com as instituições legais, de forma a reproduzir os costumes [...] Anita Brumer e Gabriele dos Anjos, valendo-se de estudos de Carmen Diana Deere mostram que, em função da pressão dos movimentos sociais, houve uma mudança nas normas de seleção de beneficiários para facilitar o acesso de mulheres aos resultados da reforma agrária (MEDEIROS, 2008, p.17).

Essas novas configurações dadas às políticas públicas podem ser observadas também na adesão de determinados atores a elas, os mesmo estão procurando se informar sobre seus aspectos diretivos. Pois ao perguntamos se estavam informados de como funcionavam tal programa e as conseqüências daquelas ações assumidas por eles, tendo em vista que se tratava de uma forma de crédito que teriam de ressarcir, em partes, ao agente financiador, nos disseram o seguinte:

Aqui, nós não trabalhamos desinformado! O pessoal do crédito fundiário informou que a gente tem 40% de desconto no valor de terra, então a gente acredita vai conseguir pagar com facilidade mesmo, já que a outra parte é a fundo perdido, mas nós vamos lutar pra vê se consegue diminuir isso mais (Presidente da associação, 28a, Mato do Meio, 2008).

Observamos então que, embora estivessem sabendo dos custos que teriam de arcar com essa escolha para superar um *mal*, eles reconheceram aquele tipo de política como uma saída para a situação que se encontravam, como propõe uma pesquisa apresentada por Silva et. al. (2008). O mesmo, com sua especificidade, pode ser visto no assentamento Pedras, pois para eles:

Nós primeiro foi incentivado através do sindicato, na pessoa da Francilene e Luizano.

Antes da gente iniciar, a gente começou participando do jovem saber. E aí através dele a gente entrou, mas só que quando a gente entrou no jovem saber, a gente já tava sabendo, e aí nós achamos interessante porque aí nós podia ter nosso próprio pedaço de terra (Sócia da associação, 23a, Pedras).

Frente a esses pontos, colocam-se questões relacionadas ao encontro entre concepções distintas sobre continuidades e descontinuidades. Nas primeiras, pensamos os processos não-eficazes que rodeiam uma base ilusória de mascaramento da realidade agrária brasileira. Nas quais ganham contornos para uma desvirtuação por descontinuidades postas pelos atores em apostar, mesmo diante das inúmeras dificuldades encontradas por eles, em reorganizar e refazer suas práticas do cotidiano, para uma melhoria na qualidade de vida, por eles indicados.

Assim, pensando nos argumentos propostos por Castoriadis et al. (1992) e Chauí (1990), essa nova configuração posta nas falas dos assentados, permite trazer algumas indagações sobre até que ponto a esfera pública se torna pública em seu objeto (perspectiva do dever ser –proposição do direito) e em seu sujeito (execução – o fazer valer os direitos), de forma a pensar na nova configuração da conjuntura do Estado (descentralização e participação) para uma representação real?

Referências

ABRAMOVAY, R.; CAMARANO, A. A. **Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. IPEA, texto para discussão n. 621. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: < www.ipea.gov.br/082/08201008.jsp?uCD_CHAVE=1209> Acesso em: 13 ago. 2008.

BRASIL. **Plano Nacional De Reforma Agrária II, 2003/2010 – PNRA**. Brasília, 2003.

_____. **Plano de Reforma Agrária do Estado do Piauí – 2003/2010 – PRRA**. Teresina, 2005.

_____. **Programa Nacional do Crédito Fundiário**. Disponível em: <<http://www.creditofundiario.org.br/pncf>>. Acesso em: 07 de jun. 2006.

BRUMER, A. A Problemática dos Jovens Rurais na Pós-modernidade. In:

Congreso Latino-Americano de Sociología Rural, VII, 20-24 de novembro de 2006

Quito, Ecuador. **Anais...** Disponível em: <<http://www.alasru.org/cdaldasru2006/02%20GT%20Anita%20Brumer.pdf>>. Acesso em: 05.02.2008.

CASTORIADIS, C. et al. **A Criação Histórica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.

CASTRO, V. M. **Aspectos de Esperantina**. Esperantina, PME/Secretaria de Cultura Turismo Desportos e Lazer, 1999.

CHAUÍ, M. S. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

DINIZ, P. C. O. **Ação Coletiva e Convivência com o Semi-árido: a experiência da Articulação do Semi-Árido Paraibano**. Campina Grande: PB, Dissertação de mestrado (sociologia/UFCG), 2002. (mimeo).

FARIA, N.; NOBRE, M. **Gênero e Desigualdade**. São Paulo: SOF, 1997.

LASCOUMES, P. **L'Éco-pouvoir: environnements et politiques**. Paris: La Découvert, 1994.

SILVA, A. G. da et al. (Org.) **Financiamento Rural: dos objetivos às escolhas efetivas**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MEDEIROS, L. S. **Movimentos Sociais, Disputas Políticas e Reforma Agrária de Mercado no Brasil**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ e UNRISD, 2002.

MELO, S. P. Reforma Agrária por Desapropriação e Reforma Agrária do Programa Nacional de Crédito Fundiário: processos de (não)construção de capital social associativista. In: ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS. (2007: Rio de Janeiro). **Anais/Resumos...** 2º ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS [CD-ROM]. Rio de Janeiro: REDE DE ESTUDOS RURAIS, 2007.

ORENSTEIN, L. **A Estratégia da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: Revan: UCAM, IUPERJ, 1998.

SABOURIN, E. As Estratégias Coletivas e Lógicas de Construção das Organizações de Agricultores no Nordeste Semi-árido. In: **Antropolítica**, n. 09, Niterói: UFF, 2001.

SANTOS, B. S. O Estado e os Modos de Produção de Poder Social. In: SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 12ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, B. S.; AVRITZER, L. Introdução: para ampliar o cânone democrático. In: SANTOS, B. S. **Democratizar a Democracia**: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Sociedade, Porto Alegre, 16(2), jul/dez, 1990.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. 2.ed. São Paulo: Herder,